

Grupo de pesquisa Escola de Pacientes DF: configuração e dinâmica formativa

Escola de Pacientes DF Research Group: configuration and formative dynamics

Grupo de investigación Escola de Pacientes DF: configuración y dinámica formativa

DOI:10.34117/bjdv11n12-084

Submitted: Dec 1st, 2025

Approved: Dec 25th, 2025

Estêvão Cubas-Rolim

Doutor em Saúde Coletiva

Instituição: Universidade de Brasília (UNB), Faculdade de Medicina - campus
Universitário Darcy Ribeiro

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: estevaocubasr@gmail.com

Ana Carolina Monteiro Campos

Graduanda em Enfermagem

Instituição: Universidade de Brasília (UNB), Faculdade de Medicina - campus
Universitário Darcy Ribeiro

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: acmcampos1101@gmail.com

Elisângela da Silva Lima

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Medicina - campus
Universitário Darcy Ribeiro

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: elisangelaslima06@hotmail.com

Gabriela Souza Santos Ribeiro

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Brasília (UNB), Faculdade de Medicina - campus
Universitário Darcy Ribeiro

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: gabbs.careers@gmail.com

Maria Luísa de Almeida Henriques

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Brasília (UNB), Faculdade de Medicina - campus
Universitário Darcy Ribeiro

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: henriquesmalu04@gmail.com

RESUMO

O grupo de pesquisa Escola de Pacientes DF iniciou suas atividades em 2016 como iniciativa de extensão da Universidade de Brasília em territórios socialmente vulneráveis do Distrito Federal (DF) e, ao longo do tempo, expandiu sua atuação para diversas unidades básicas de saúde do DF, além de outros estados, com reconhecimento nacional e internacional, incluindo prêmio da Organização Mundial da Saúde. Entre 2016 e 2025, a produção acadêmica do grupo envolveu feedback de mais de 829 estudantes, de 31 turmas e cursos, resultando em vídeos educativos, ações comunitárias, iniciativas universitárias, artigos científicos, apresentações em congressos, prêmios e bolsas. Em 2025, o grupo de pesquisa entrou em uma nova fase, com modelo de entrada simultânea de múltiplos novos membros e a consolidação de supervisão combinada síncrona e assíncrona, baseada em modelo misto de supervisão entre membros mais antigos e recém-chegados, com uso intensivo de ferramentas digitais: comunicação síncrona e assíncrona por mensagens e ligações de voz de 15 minutos no WhatsApp, organização de arquivos no Google Drive e reuniões com compartilhamento de tela pelo Google Meet. Trata-se de um estudo descritivo, fundamentado em análise de trajetória, indicadores internos de engajamento e produção, mensagens e chamadas registradas nos grupos digitais, além de relatos e experiências formativas dos participantes. O objetivo deste artigo é descrever a configuração do grupo de pesquisa em 2025. Os resultados apontam que o apoio da inteligência artificial na sistematização das ideias autorais ampliou a eficiência dos fluxos de escrita, favoreceu coerência temática e fortaleceu a integração entre gerações de membros pesquisadores, sem substituir o protagonismo dos autores. Apesar dos desafios relacionados à gestão de mensagens, regularidade de presença e acompanhamento em múltiplas frentes, o modelo mostrou-se viável para expandir a produção e a cultura formativa em pesquisa. Próximos passos incluem testar ciclos híbridos com maior número de estudantes, combinando entrada coletiva, supervisão intergeracional e manutenção da qualidade formativa.

Palavras-chave: pesquisa em saúde, educação em saúde, grupos de pesquisa, tecnologias digitais, inteligência artificial.

ABSTRACT

The Escola de Pacientes DF research group began its activities in 2016 as an extension initiative of the University of Brasília in socially vulnerable territories of the Federal District (DF) and, over time, expanded its activities to several primary health care units in the DF and other Brazilian states, achieving national and international recognition, including an award from the World Health Organization. Between 2016 and 2025, the group's academic production involved feedback from more than 829 students from 31 cohorts and courses, resulting in educational videos, community actions, university initiatives, scientific articles, conference presentations, awards, and scholarships. In 2025, the research group entered a new phase, characterized by the simultaneous entry of multiple new members and the consolidation of combined synchronous and asynchronous supervision, based on a mixed supervision model involving senior and newly admitted members, with intensive use of digital tools: synchronous and asynchronous communication via messages and 15-minute voice calls on WhatsApp, file organization on Google Drive, and meetings with screen sharing on Google Meet. This is a descriptive study grounded in trajectory analysis, internal indicators of engagement and production, messages and calls recorded in digital groups, as well as reports and formative experiences of participants. The aim of this article is to describe the configuration of the research group in 2025. The results indicate that the support of artificial intelligence in

systematizing authors' ideas increased the efficiency of writing workflows, favored thematic coherence, and strengthened integration between generations of researchers, without replacing authors' protagonism. Despite challenges related to message management, regular presence, and monitoring across multiple fronts, the model proved viable for expanding production and the formative research culture. Future steps include testing hybrid cycles with a larger number of students, combining collective entry, intergenerational supervision, and maintenance of formative quality.

Keywords: health research, health education, research groups, digital technologies, artificial intelligence.

RESUMEN

El grupo de investigación Escola de Pacientes DF inició sus actividades en 2016 como una iniciativa de extensión de la Universidad de Brasilia en territorios socialmente vulnerables del Distrito Federal (DF) y, con el tiempo, amplió su actuación a diversas unidades básicas de salud del DF y de otros estados, con reconocimiento nacional e internacional, incluyendo un premio de la Organización Mundial de la Salud. Entre 2016 y 2025, la producción académica del grupo involucró retroalimentación de más de 829 estudiantes de 31 cohortes y cursos, dando lugar a videos educativos, acciones comunitarias, iniciativas universitarias, artículos científicos, presentaciones en congresos, premios y becas. En 2025, el grupo de investigación entró en una nueva fase, con un modelo de incorporación simultánea de múltiples nuevos miembros y la consolidación de una supervisión combinada sincrónica y asincrónica, basada en un modelo mixto de supervisión entre miembros más antiguos y recién incorporados, con uso intensivo de herramientas digitales: comunicación sincrónica y asincrónica mediante mensajes y llamadas de voz de 15 minutos por WhatsApp, organización de archivos en Google Drive y reuniones con compartición de pantalla a través de Google Meet. Se trata de un estudio descriptivo, fundamentado en el análisis de la trayectoria, indicadores internos de compromiso y producción, mensajes y llamadas registradas en los grupos digitales, así como relatos y experiencias formativas de los participantes. El objetivo de este artículo es describir la configuración del grupo de investigación en 2025. Los resultados indican que el apoyo de la inteligencia artificial en la sistematización de las ideas autorales amplió la eficiencia de los flujos de escritura, favoreció la coherencia temática y fortaleció la integración entre generaciones de investigadores, sin sustituir el protagonismo de los autores. A pesar de los desafíos relacionados con la gestión de mensajes, la regularidad de la presencia y el seguimiento en múltiples frentes, el modelo se mostró viable para ampliar la producción y la cultura formativa en investigación. Los próximos pasos incluyen probar ciclos híbridos con un mayor número de estudiantes, combinando la incorporación colectiva, la supervisión intergeneracional y el mantenimiento de la calidad formativa.

Palabras clave: investigación en salud, educación en salud, grupos de investigación, tecnologías digitales, inteligencia artificial.

1 INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O grupo de pesquisa teve início em 2016 como uma iniciativa de extensão da Universidade de Brasília, desenvolvida inicialmente em territórios socialmente vulneráveis do Distrito Federal. Ao longo dos anos, com o aumento da presença digital, as ferramentas utilizadas se expandiram para alcançar diversas outras unidades de saúde no Distrito Federal e em outros estados. Esse movimento permitiu que ações do grupo chegassem tanto a regiões vulneráveis quanto a áreas mais estruturadas. Trouxe, ainda, reconhecimento internacional, incluindo um prêmio da Organização Mundial da Saúde, e possibilitou o compartilhamento dessas experiências em outros países. A expansão, fez com que o grupo ampliasse seu impacto e desenvolvesse atividades em diferentes contextos, mantendo a proposta inicial de promover educação em saúde e fortalecer a integração entre universidade, serviços e comunidade ao longo dos anos (CUBAS-ROLIM, 2021; CUBAS-ROLIM, 2022; OPAS; OMS, 2017).

A linha do tempo do grupo de pesquisa evidencia um crescimento contínuo em participação, alcance e diversidade de atividades. Ao longo desse percurso, envolveram-se diretamente 829 alunos de 31 turmas de Medicina, e estudantes de outras áreas da saúde e afins, bem como participantes da pós-graduação, incluindo a residência médica em Medicina de Família e Comunidade e a residência multiprofissional. Esse conjunto heterogêneo de integrantes resultou em uma variedade de produtos acadêmicos e extensionistas, como vídeos de educação em saúde publicados no canal da Escola de Pacientes e ações educativas realizadas em unidades básicas de saúde de diferentes regiões do Distrito Federal. Somam-se a essas iniciativas atividades de formação e divulgação científica na comunidade universitária, como a Semana Universitária da UnB, participações em congressos nacionais e internacionais, artigos publicados em periódicos de alto impacto, reportagens e bolsas conquistadas por estudantes (CUBAS-ROLIM, 2021; CUBAS-ROLIM, 2022; OPAS; OMS, 2017).

Inicialmente, a iniciativa já apresentava um volume considerável de submissões, o que indicava um movimento constante de produção. Posteriormente, a incorporação das ferramentas digitais e o suporte de IA passaram a contribuir para o processo de elaboração dos trabalhos, particularmente na organização do material e na qualificação da estrutura textual e conceitual. Embora não substitua o olhar crítico dos pesquisadores, esse uso ajudou a manter a continuidade entre as versões e a refinar os conceitos, resultando em textos mais consistentes e fáceis de acompanhar. Como consequência desse

aprimoramento metodológico, as produções, antes com circulação predominantemente nacional, passaram a apresentar maior visibilidade e qualificação, consolidando a presença do grupo em eventos científicos e ampliando sua relevância na comunidade acadêmica (CUBAS-ROLIM, 2021; CUBAS-ROLIM, 2022; OPAS; OMS, 2017).

O objetivo deste artigo é descrever a configuração do grupo de pesquisa em 2025, marcada pela entrada simultânea de múltiplos novos membros e pela adoção de um modelo de supervisão mediado por ferramentas digitais, como o WhatsApp, por meio de mensagens e ligações de voz síncronas, bem como reuniões de trabalho com tela compartilhada via Google Meet, com vistas à organização das atividades, à integração dos participantes durante o período de adaptação e à comunicação eficiente entre os membros do grupo. Trata-se de iniciativa que busca viabilizar o compartilhamento das potencialidades do modelo atual, além de otimizar a resolução de potenciais fragilidades.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo baseado na análise da trajetória do grupo, em seus indicadores internos e nas experiências formativas acumuladas ao longo do processo. O artigo apresenta um relato da supervisão remota utilizada na formação e renovação de grupos de pesquisa em saúde, destacando o impacto do uso de ferramentas digitais e do apoio da IA na organização das ideias autorais. Também descreve a entrada simultânea de múltiplos novos membros em 2025, contrastando esse movimento coletivo com o modelo anterior de sucessão individual, e analisando como essa mudança influenciou a dinâmica, a integração e a continuidade das linhas de pesquisa (TURATO, 2005; O'BRIEN et al., 2014).

O desenho do estudo consiste em um relato de experiência que aborda a organização e a supervisão do grupo de pesquisa ao longo do período de 2016 a 2025. A análise contempla tanto a fase inicial, marcada por encontros presenciais e ingresso gradual de novos participantes, quanto a transição para o modelo digital que incorporou ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona no WhatsApp, organização de arquivos no Google Drive e apoio da IA na sistematização das ideias autorais. Esse recorte temporal permite compreender a evolução das práticas formativas, das estratégias de supervisão e das mudanças estruturais que sustentaram a expansão do grupo (DENZIN; LINCOLN, 2006; PLUYE et al., 2014).

As fontes de dados utilizadas neste estudo incluem o histórico de desenvolvimento da plataforma entre 2016 e 2025, indicadores de acesso, engajamento e uso das ferramentas digitais, além de relatos e experiências de estudantes envolvidos em autoria, coordenação e facilitação das atividades. Também foram consideradas observações de rotina, mensagens e chamadas de voz no WhatsApp, registros dos checkpoints semanais, bem como a produção acadêmica organizada no Google Drive, incluindo arquivos de submissão e versões de trabalho. Esses elementos compõem a base empírica que será retomada na seção de resultados para demonstrar como cada dimensão contribuiu para a evolução organizacional e formativa do grupo (BASTOS, 2019; WERSIG, 1975).

A evolução metodológica do projeto ao longo dos anos de 2016 a 2025 obteve uma transição clara, ao qual no início os grupos de pesquisa partiam de uma formação em que um dos membros mais experientes se responsabilizava por um dos membros menos experientes e as reuniões eram majoritariamente presenciais. Atualmente, partimos de uma intervenção unicamente remota, integrando os estudos individuais e grupais em cada reunião para um maior aproveitamento. Além disso, há apenas um orientador experiente responsável pela adaptação e pela orientação de todos os integrantes do projeto, esse sendo o Prof. Dr. Estevão Rolim, obtendo assim uma maior padronização do trabalho. Essa evolução foi aplicada tanto por exigências de clareza e transparência na pesquisa, quanto pela necessidade prática de combinar informações e indicadores sociais para entender o impacto das ferramentas digitais na gestão do tempo acadêmico (BASTOS, 2019; CUBAS-ROLIM, 2022).

A organização interna do projeto foi estruturada em níveis funcionais: coordenador geral e grupos de trabalho temáticos (Site, Simulações e Pesquisa), compostos por três (3) a quatro (4) pessoas, responsáveis pela produção e revisão dos arquivos no Google Drive e pelo acompanhamento dos checkpoints semanais. O ingresso de novos membros em 2025 exigiu protocolos formais de acolhimento, divisão de papéis e rotinas de reuniões (checkpoints, WhatsApp, pastas organizadas), medidas que visam acelerar a integração sem perder a qualidade formativa. Esses procedimentos têm como objetivo tornar a gestão das pesquisas mais colaborativa e eficiente, combinando o uso de diferentes ferramentas digitais para garantir a transferência de dados e de conhecimento (CUBAS-ROLIM, 2022; O'BRIEN et al., 2014).

Operacionalmente, o estudo adotou um fluxo de dados e documentação compartilhável, sendo: coleta contínua de registros de atividades (apresentações, checkpoints, mensagens e gravações); arquivamento padronizado em Google Drive com

versões controladas e editáveis; leitura de referências textuais e elaboração de citações para validação da pesquisa; e escrita coletiva das ideias com método qualitativo. A regularidade dessa estrutura resultou no registro da reflexividade dos pesquisadores, na descrição das decisões metodológicas e na aplicação de estratégias novas e pertinentes quando eram necessárias, para assim responder às questões sobre organização e gestão do tempo acadêmico (O'BRIEN et al., 2014; PLUYE et al., 2014).

3 RESULTADOS

A transformação digital do grupo ocorreu de forma progressiva, acompanhando uma mudança metodológica mais ampla entre 2016 e 2025. Em sua fase inicial, o funcionamento baseava-se predominantemente em encontros presenciais, com ingresso gradual de novos integrantes e supervisão direta dos pesquisadores mais experientes. A partir de 2025, o grupo passou a operar integralmente de forma remota, com a entrada simultânea de novos estudantes organizados em duplas ou trios, acompanhados por um modelo misto de supervisão. Essa transição ampliou a escala de acompanhamento e exigiu maior sistematização dos fluxos de trabalho, viabilizada pela adoção de ferramentas digitais de comunicação e organização.

O WhatsApp consolidou-se como eixo central da comunicação do grupo, sendo utilizado tanto para mensagens assíncronas quanto para checkpoints síncronos, geralmente em chamadas de voz com duração aproximada de 15 minutos. Esses encontros breves permitiram revisar o andamento das tarefas, esclarecer dúvidas imediatas, alinhar decisões e ajustar as próximas etapas de produção. De forma complementar, o Google Meet foi utilizado para reuniões com compartilhamento de tela, especialmente em momentos que demandavam discussão coletiva mais aprofundada ou visualização conjunta dos documentos em elaboração.

A organização interna do grupo passou a estruturar-se por um sistema de supervisão digital baseado em comunicação contínua e acompanhamento coletivo dos processos de escrita. Os estudantes foram distribuídos em duplas ou trios, cada grupo acompanhado por um membro mais experiente, favorecendo uma dinâmica intergeracional de supervisão. Para cada linha de produção, foram criados subgrupos específicos no WhatsApp, articulados a um grupo geral destinado ao registro de avisos, prazos e orientações comuns. Diferentemente de fases anteriores, o modelo atual não se baseia em supervisões individualizadas 1:1, mas em um acompanhamento coletivo, no

qual as interações síncronas e assíncronas sustentam o fluxo de trabalho de forma integrada.

A organização dos materiais, versões e submissões foi centralizada no Google Drive, permitindo rastreamento claro das etapas de produção e acesso compartilhado aos documentos. O processo de escrita para submissão iniciou-se, de modo geral, com a criação de um documento-base no Google Docs, contendo informações estruturais essenciais, como título, autoria, limite de caracteres, links de submissão e tópicos obrigatórios definidos por eventos ou periódicos. Esse esqueleto orientou o preenchimento progressivo do texto e facilitou a incorporação contínua das orientações discutidas nos checkpoints.

Nesse fluxo, a sistematização das ideias autorais contou com apoio de ferramentas de inteligência artificial, especialmente o ChatGPT, utilizado como suporte à organização conceitual, à clareza textual e à continuidade entre versões, sem substituir o processo criativo dos autores. De forma complementar, o Gamma foi empregado ocasionalmente para a criação de modelos visuais de apresentações, enquanto o Gemini contribuiu com sistematizações adicionais e novos insights. A articulação dessas ferramentas acelerou a produtividade do grupo e favoreceu uma cultura de inovação digital baseada na colaboração e na adaptabilidade.

A gestão das versões dos textos seguiu um padrão rigoroso de nomenclatura, estruturado a partir da combinação do código do evento, numeração sequencial do produto, versão, ano e status do projeto. Esse sistema facilitou o rastreamento contínuo das produções, reduziu perdas de informação em um fluxo marcado por revisões frequentes e possibilitou a continuidade das escritas mesmo diante da rotatividade de integrantes ou da atuação simultânea em diferentes documentos. Para garantir segurança e preservação do histórico dos textos, foram realizados backups periódicos, com envio das versões finais para os grupos específicos do WhatsApp, assegurando o registro das etapas de evolução mesmo em situações de instabilidade técnica.

O banco de citações constituiu-se como componente central da rotina formativa do grupo. A experiência envolveu a comparação entre Mendeley e Zotero, avaliando suas vantagens e limitações no contexto do trabalho colaborativo. O Mendeley mostrou-se útil nas fases iniciais, especialmente pela familiaridade prévia dos estudantes e pela integração com arquivos já existentes, mas apresentou limitações na sincronização e no gerenciamento de versões em contextos de edição simultânea. O Zotero destacou-se pela maior estabilidade na organização coletiva, melhor compatibilidade com navegadores e

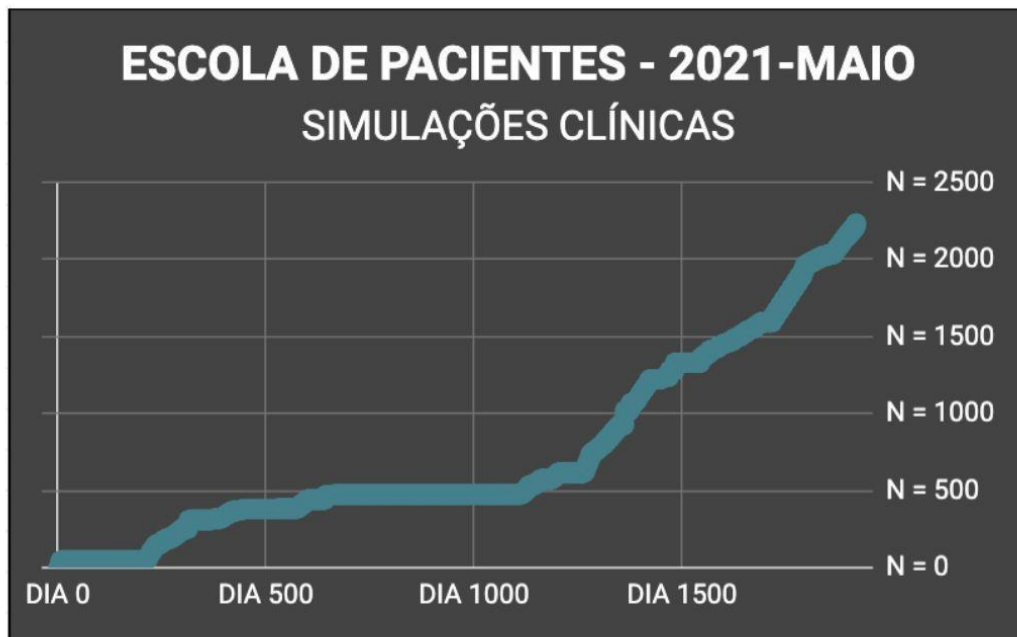
plugins e pela possibilidade de criação de bibliotecas compartilhadas, favorecendo o trabalho distribuído e as etapas de revisão textual.

Para além da escrita, o uso do banco de citações envolveu práticas de leitura colaborativa. Muitos artigos foram inicialmente obtidos em PDF e convertidos para arquivos Word, permitindo leitura mais fluida, destaque de trechos e anotações compartilhadas. Quando necessário, os estudantes recorreram ao Google Tradutor ou ao GPT para apoio em traduções pontuais, preservando o sentido técnico dos conceitos. Os trechos considerados centrais eram posteriormente incorporados aos tópicos autorais nos documentos de escrita, garantindo diálogo direto com a literatura e fortalecendo a consistência argumentativa dos produtos.

Em 2025, a reorganização do grupo, marcada pela entrada simultânea de novos integrantes, representou um ponto de inflexão no funcionamento coletivo. Esse arranjo formativo possibilitou integrar rapidamente os novos membros, alinhar temáticas em desenvolvimento e preservar a continuidade das linhas de pesquisa já consolidadas. O acompanhamento intergeracional reduziu assimetrias iniciais, favoreceu a circulação de saberes e contribuiu para a construção de um ambiente de trabalho coeso, mesmo em um contexto de expansão do grupo e atuação totalmente remota.

Embora o grupo atualmente em atividade seja composto majoritariamente por novos integrantes e ainda esteja em fase inicial de produção, com trabalhos em processo de submissão e aguardando aceite, a ação à qual se vincula possui trajetória consolidada. Ao longo dos anos, os produtos desenvolvidos distribuíram-se em diferentes formatos e espaços de circulação, incluindo vídeos educativos em plataformas digitais, ações comunitárias em unidades básicas de saúde do Distrito Federal, iniciativas acadêmicas no âmbito universitário, apresentações em eventos científicos nacionais e internacionais, além de prêmios e bolsas conquistados por estudantes. Essa diversidade evidencia a capacidade do processo de articular produção científica, extensão universitária e formação prática, mantendo coerência temática e ampliando seu alcance institucional.

Figura 1. Acompanhamento semanal de simulações até 2021-maio



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Figura 2. Exemplo de publicações da Escola de Pacientes



Dr. Estêvão Rolim

Home Dr. Estêvão Rolim Equipe UNB MED5 SFC2 Cardio Insuficiência Cardíaca DCNTs UNB MED9 INTERNATO 1 Demanda Espontânea Geral e... Referencia e contrreferencia COVID-19 Coronavirus Liga MFC UNB Mais

Publicações

Atualizado em 2025/Março

Google Scholar - Dr. Estêvão Rolim: <https://bit.ly/3dtd0OT>

Currículo Lattes - Dr. Estêvão Rolim: <http://lattes.cnpq.br/2012202638503151>

Quem é Estêvão Rolim: <https://www.escoladepacientes.com/dr-estevao-rolim>

Livro 2022 - Escola de Pacientes e as tecnologias de Educação em Saúde



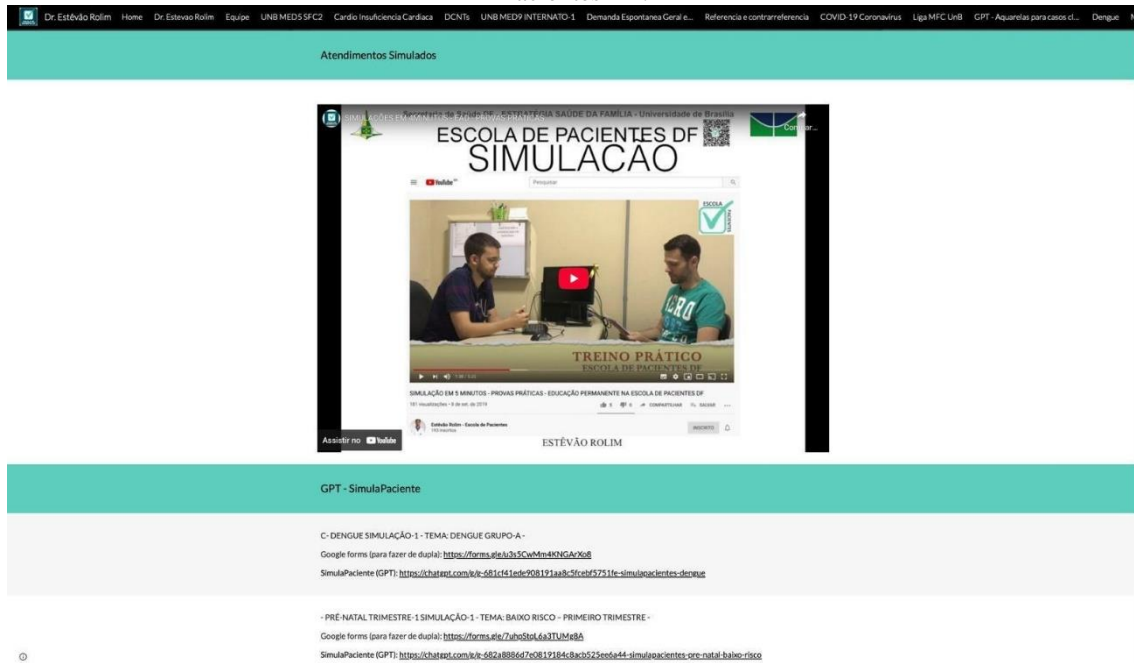
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Figura 3. Estrutura inicial de organização pedagógica e disciplinar do site da Escola de Pacientes DF.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

Figura 4. Exemplo de página de simulação clínica e integração de recursos digitais no site da Escola de Pacientes DF.



Fonte: Elaboração própria, 2025.

4 DISCUSSÃO

Na literatura, modelos de colaboração digital e trabalho distribuído exigem coordenação contínua, alta responsividade e mecanismos claros de gestão do fluxo de informação, especialmente quando envolvem múltiplos participantes com entradas

simultâneas. Abordagens inspiradas no design participativo e em metodologias colaborativas destacam que a comunicação constante e os ciclos frequentes de acompanhamento são centrais para sustentar engajamento, alinhamento e qualidade do processo formativo (CLEMENSEN et al., 2016; NOERGAARD et al., 2017). Nesse contexto analisado, essa dinâmica tornou-se evidente e se expressa diretamente na frase literal: “A colaboração digital impôs desafios como presença constante nos checkpoints, gestão de mensagens e acompanhamento em múltiplas frentes.” O uso intensivo do WhatsApp como eixo comunicacional, articulando a múltiplos grupos específicos e checkpoints síncronos de aproximadamente 15 minutos, configurou um ambiente de comunicação contínua e de alta demanda atencional, típico dos ecossistemas digitais contemporâneos (MARTINO, 2014). Esse desafio foi potencializado pela entrada simultânea de novos membros em 2025, exigindo mais capacidade de organização, mediação e priorização das demandas para manter a coerência temática e o andamento dos produtos, conforme descrito nos resultados.

Estudos sobre supervisão remota destacam a importância de processos sistemáticos de acompanhamento para evitar perda de qualidade e dispersão temática (CAMPOS, 2015; CEZAR et al., 2017). De forma semelhante, em nossa experiência, “foi essencial monitorar a produção com atenção para garantir qualidade.” O modelo adotado exigiu padronização de arquivos no Google Drive, revisões sucessivas, comunicação clara nos grupos e alinhamento contínuo para manter consistência entre as diferentes duplas e trios em produção. Essa abordagem reflete uma necessidade de coordenação constante e gestão eficaz do fluxo de informação em ambientes colaborativos. (WALLERSTEIN et al., 2017).

Pesquisas recentes apontam que o uso de tecnologias digitais e sistemas baseados em IA na educação em saúde pode favorecer a organização de ideias, o apoio ao raciocínio e a aprendizagem ativa, desde que essas ferramentas sejam utilizadas como suporte e não como substituição da autoria ou do processo reflexivo (SONG et al., 2019; FERRARINI, 2019). Em nosso contexto, essa dinâmica se confirmou, refletida na frase literal: “A sistematização com IA ampliou eficiência e escala, fortalecendo coesão e maturidade do grupo.” A IA atuou como apoio estruturante — nunca automatizando a escrita — auxiliando os estudantes na organização conceitual, no refinamento argumentativo e na manutenção da coerência entre versões, sempre articulada às ferramentas digitais que sustentam o trabalho remoto.

Modelos de formação que envolvem múltiplas gerações favorecem continuidade pedagógica, transmissão de práticas e fortalecimento de redes internas (FREIRE, 2002; WALLERSTEIN et al., 2017). No grupo, a entrada simultânea de múltiplos membros contrastou com o antigo modelo de sucessão individual e exigiu forte adaptação entre gerações. O formato misto de supervisão combinado aos checkpoints e ao uso das ferramentas digitais favoreceu a manutenção da coerência temática e permitiu que estudantes mais experientes acelerassem a integração dos novos. O diálogo entre as diferentes gerações mostrou-se essencial nesse processo, assim como o respeito mútuo entre todos os envolvidos. A convivência permitiu que saberes fossem trocados, os vínculos entre os participantes se fortalecessem e as práticas educativas se tornassem mais participativas.

Na literatura, observa-se um contraste crescente entre modelos tradicionais de supervisão presencial e formatos digitais contemporâneos, os quais tendem a redistribuir responsabilidades, ampliar a escala de acompanhamento e favorecer fluxos de trabalho mais contínuos em ambientes mediados por tecnologias digitais (HOUSEH, 2014; BOULOS et al., 2011). Entre 2016 e 2025, essa mudança nos modos de trabalho foi vivenciada de forma concreta pelos grupos participantes, que transitaram de uma supervisão semi-presencial, centrada em encontros físicos, para um modelo integralmente remoto, sustentado por plataformas digitais, padronização operacional e comunicação contínua. Essa transição não apenas ampliou a capacidade de supervisão, como também favoreceu a distribuição das tarefas, a integração entre diferentes gerações de pesquisadores e a manutenção da continuidade formativa e participativa, mesmo diante da ampliação do número de participantes e do aumento da complexidade dos fluxos de produção.

5 CONCLUSÃO

A experiência demonstrou que a combinação de ferramentas digitais síncronas e assíncronas, aliada ao uso de IA para apoiar a sistematização das ideias autorais, constituiu um modelo eficaz para ampliar a produção, organizar fluxos de trabalho e fortalecer a formação em pesquisa. A integração entre WhatsApp, Google Drive, Google Meet e checkpoints de 15 minutos permitiu criar um ambiente de supervisão contínua, capaz de sustentar a entrada simultânea de novos membros sem perda de qualidade ou coerência temática. A frase síntese — “O uso de ferramentas digitais síncronas,

assíncronas e IA para sistematizar ideias mostrou-se eficaz para expandir a produção” — reflete de forma direta os resultados observados ao longo do processo.

Além da expansão da produção, o modelo reforçou práticas colaborativas e intergeracionais, possibilitando que membros mais antigos atuassem como supervisores diretos em formato misto de supervisão, acelerando o desenvolvimento dos novos integrantes. A abordagem utilizada permitiu a continuidade dos trabalhos, favoreceu a preservação da memória institucional e fortaleceu as linhas de pesquisa, mesmo em contexto inteiramente remoto. A convivência entre pessoas com diferentes níveis de experiência permitiu que as produções mantivessem certa consistência, além de promover um aprendizado mútuo. Ademais, fortaleceu o sentimento de coesão e ajudou a consolidar práticas que podem ser aproveitadas por futuras gerações, contribuindo para a sustentabilidade das iniciativas.

Como próximos passos, propõe-se testar ciclos híbridos com número ampliado de estudantes, combinando entradas coletivas com supervisão intergeracional estruturada. Essa ampliação permitirá avaliar a maturidade do modelo, fortalecer o entrosamento entre os participantes e garantir que a qualidade formativa continue sendo um eixo central na evolução do grupo. Ao aplicar esse modelo em contextos mais amplos, será possível observar de forma sistemática como a supervisão estruturada influencia o engajamento, a integração dos novos membros e o desenvolvimento de competências em pesquisa. Assim, o grupo pode consolidar-se como uma possível referência em práticas colaborativas de formação científica, fortalecendo a perspectiva de sustentabilidade e crescimento, além de apoiar o desenvolvimento de uma formação cada vez mais estruturada e inovadora.

REFERÊNCIAS

1. BASTOS, A. P. Seven steps for qualitative treatment in health research. 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33533847/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
2. BOULOS, M. N. K. et al. How smartphones are changing the face of mobile and participatory healthcare. 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21466669/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
3. CAMPOS, C. J. G. A educação a distância no âmbito da educação permanente em saúde do SUS. 2015. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/2937>. Acesso em: 14 dez. 2025.
4. CEZAR, P. K. et al. Educação a distância como estratégia para a educação permanente em saúde? 2017. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/184>. Acesso em: 14 dez. 2025.
5. CLEMENSEN, J. et al. Participatory design methods in telemedicine research. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28027678/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
6. CUBAS-ROLIM, E. Escola de Pacientes DF e as tecnologias de educação em saúde. 2022. Disponível em: <https://reflexaoacademica.com.br/e-books/escola-de-pacientes-e-as-tecnologias-de-educacao-em-saude/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
7. CUBAS-ROLIM, E. Metodologia de trabalho da Escola de Pacientes DF no contexto COVID-19: relato de experiência. 2021. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28356?__cf_chl_tk=HMoMGk5fNhp.IJB4CfSzhHEenMYoBd9sjUL5eCwx5aQ-1765931159-1.0.1.1-kPYaSJtmtq1lc4we8khhBRSmB1QVANWrGPrGRhx9v0k. Acesso em: 14 dez. 2025.
8. DENZIN, N.; LINCOLN, Y. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2006. Disponível em: <https://1library.org/document/zww6n01z-denzin-lincoln-o-planejamento-pesquisa-qualitativa-cap-pdf.html>. Acesso em: 14 dez. 2025.
9. FERRARINI, M. Metodologias ativas e tecnologias digitais: aproximações e distinções. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563965406010>. Acesso em: 14 dez. 2025.
10. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2002. Disponível em: https://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf. Acesso em: 14 dez. 2025.
11. GDF. Mostra premia 22 experiências inovadoras do SUS no DF. 2017. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/mostra-premia-22-experiencias-inovadoras-do-sus-no-df/>. Acesso em: 14 dez. 2025.

12. HOUSEH, M. Empowering patients through social media: the benefits and challenges. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24550564/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
13. MARTINO, L. C. Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/521784873/MARTINO-Luis-Mauro-Sa-Teoria-Das-Midias-Digitais-2014>. Acesso em: 14 dez. 2025.
14. NOERGAARD, B. et al. Development of a web-based health care intervention: lessons learned from participatory design study. 2017. Disponível em: <https://www.researchprotocols.org/2017/5/e75/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
15. O'BRIEN, B. C. et al. Standards for Reporting Qualitative Research (SRQR). 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24979285/%3E>. Acesso em: 14 dez. 2025.
16. OPAS; OMS. I Mostra de Experiências Inovadoras do SUS no Distrito Federal. 2017. Disponível em: <https://apsredes.org/opas-apoia-i-mostra-de-experiencias-inovadoras-do-sus-no-distrito-federal/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
17. PLUYE, P. et al. Combining the power of stories and numbers: mixed methods research and reviews. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24188053/>. Acesso em: 14 dez. 2025.
18. SONG, T. et al. The use of theory in mobile health interventions for patient self-management of chronic diseases. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335381825_The_Use_of_Theory_in_Mobile_Health_Interventions_for_Patient_Self-Management_of_Chronic_Diseases. Acesso em: 14 dez. 2025.
19. TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde. 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rsp/article/view/31896>. Acesso em: 14 dez. 2025.
20. WALLERSTEIN, N. et al. Community-Based Participatory Research for Health: advancing social and health equity. 2017. Disponível em: <https://www.wiley.com/en-us/Community%2BBased%2BParticipatory%2BResearch%2Bfor%2BHealth%3A%2BAdvancing%2BSocial%2Band%2BHealth%2BEquity%2C%2B3rd%2BEdition-p-9781119258858>. Acesso em: 14 dez. 2025.
21. WERSIG, G. The phenomena of interest to information science. 1975. Disponível em: <https://www.sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf> . Acesso em: 14 dez. 2025.